

Do “sertão” à Urbanização do bairro Campo Grande- Rio de Janeiro: uma análise dos impactos socioambientais

Michele Souza da Silva
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Discente Curso de Geografia e Bolsista do Programa de Educação Tutorial (MEC/SESU)
michleal@hotmail.com*

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar os processos de urbanização e os problemas socioambientais pelo qual o bairro Campo Grande, localizado na zona oeste do município do Rio de Janeiro, Brasil, passou no período colonial e as transformações urbanas que continuam ocorrendo neste século XXI, e junto com elas os impactos socioambientais que continuam sendo ocasionados, através da ampliação da urbanização, com a construção de condomínios residenciais, empreendimentos comerciais, entre outros que somados a ineficácia das políticas públicas, tem trazido alguns transtornos a população e ao ambiente natural.

Palavras-chave: bairro Campo Grande, o Campo Grande, Urbanização, Impactos socioambientais, Impactos ambientais agrários.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar los procesos de urbanización y los problemas ambientales para los cuales la zona de Campo Grande, ubicado en el oeste de la ciudad de Río de Janeiro, Brasil, se inició en la época colonial y las transformaciones urbanas que se siguen produciendo en este siglo, y junto con los impactos ambientales que todavía causadas por la expansión de la urbanización, con la construcción de condominios residenciales, empresas comerciales, entre otros, que sumados a la ineficacia de las políticas públicas, ha traído algunos inconvenientes para las personas y el medio ambiente natural.

Palabras claves: barrio Campo Grande, o Campo Grande, La urbanización, los impactos ambientales, Los impactos ambientales de La tierra.

Introdução

O processo de urbanização da cidade do Rio de Janeiro, Brasil, ocorreu de forma desigual e em momentos distintos. Nem todas as grandes zonas se urbanizaram da mesma forma e no mesmo período. A zona central foi a pioneira, seguida das Zonas Norte e Sul. A Zona Oeste, considerada

* pesquisa orientada pela Profª Drª Cristiane Cardoso-UFRRJ, Brasil

nos séculos XVI e XVII como “sertão”, denominação dada para áreas distantes do litoral, a urbanização ocorreu de forma tardia, a princípio foi marcada pela atividade agrícola, e posteriormente teve seu desenvolvimento pela expansão da linha do trem e a expulsão da população mais pobre desprovida de capital das áreas centrais da cidade do Rio de Janeiro (devido a elevação dos custos de moradia, alimentação, entre outros).

Esta pesquisa busca através do entendimento sobre os processos históricos de ocupação analisar as implicações que levaram a ocupação e os impactos socioambientais ocasionados pela agricultura e urbanização de um dos bairros mais populosos do município do Rio de Janeiro, Campo Grande, que possui atualmente a população estimada em 328,370 habitantes, segundo censo de 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), permanecendo ainda em expansão.

A urbanização no bairro Campo Grande ocorreu de forma “espontânea” e com pouco planejamento, os problemas sociais são evidentes e na maior parte das vezes ocorrem pela ineficácia das políticas públicas, sendo as principais, as construções de moradias irregulares em encostas e leitos de rios, saneamento básico insuficiente, algumas ruas sem pavimentação. O acúmulo de lixo em algumas localidades, dentre outros, ocasiona o surgimento epidemias como a “Dengue”, que atinge o bairro quase todos os anos. Além dos impactos ambientais como: desmatamentos, poluição dos rios, devido ao esgoto lançado in natura, ilha de calor, principalmente na área central do bairro, entre outros.

Assim através desta pesquisa podemos identificar estes impactos socioambientais que não são recentes no bairro, mas que foram ocorrendo durante séculos de ocupação.

Metodologia

A pesquisa foi elaborada a partir de quatro etapas, não necessariamente nesta ordem e separadas:

A primeira consistiu no levantamento de referências bibliográficas, para a construção de referencial teórico-conceitual sobre alguns conceitos que permearam a pesquisa tais como: espaço urbano, impactos ambientais urbanos, impactos ambientais agrários, além da história da formação sócio-espacial do Rio de Janeiro e do bairro Campo Grande. Desta forma utilizamos como principais referências autores como: Côrrea (1989), Fróes e Gelabert (2005), Araújo (2006), Abreu (2006).

A segunda etapa consiste na análise e interpretação de imagens de satélites com a finalidade de observar a espacialização e expansão dos fenômenos da urbanização. Para esta etapa também buscou-se reunir fotografias antigas, de moradores visando procurar elementos da paisagem que

demonstrassem o processo de urbanização da área. Esta etapa analisou-se fotos dos mesmos lugares em diferentes décadas.

A terceira etapa, contou com os trabalhos de campo no bairro Campo Grande, afim de analisar *in loco* os impactos ambientais e a evolução das construções dos atuais condomínios residenciais, nesta etapa fizemos visitas pontuais a locais pré-determinados e realizamos registros fotográficos, entre outros que o trabalho de campo *in loco* nos proporciona.

A quarta etapa consiste na elaboração de questionários abertos para os moradores, com objetivo de compreender e identificar as percepções destes moradores diante das transformações que o bairro vem passando. Os questionários semi-estruturados possuem perguntas fundamentais como: tempo de moradia, a percepção do morador em relação às construções imobiliárias atuais, infraestrutura urbana, impactos ambientais, entre outras. Esta etapa e aplicação dos questionários encontra-se em andamento.

Que “sertão” é esse?

A área estudada era conhecida no passado como Sertão. Segundo Amado (1995) apud Medeiros (2009) “Sertão” era uma denominação utilizada pelos portugueses, para caracterizar os locais distantes da capital Lisboa, mas que estavam situados nos limites de Portugal. Assim *sertão*, era toda a região afastada dos centros urbanos.

No Brasil, os portugueses, utilizavam o termo “sertão”, para designar as terras que estavam afastadas do litoral, e que precisavam serem desbravadas e exploradas. Medeiros (2009) salienta que os vastos espaços ainda não ocupados eram referidos como “sertão”, pois a ocupação do Brasil iniciou-se pelo litoral.

No Rio de Janeiro, os *sertões*, eram as atuais Zonas: Sul, Norte e Oeste, representando os locais que no início da colonização, eram considerados de difícil acesso, devido às condições físicas (morros, manguezais e restingas) e problemas relacionados à sua defesa, por conta da presença de indígenas “hostis”, que não aceitaram a submissão e não queriam aproximação com o europeu.

Segundo Abreu (2006), as limitações físicas permitiram que durante os séculos XVI e XIX, a ocupação da cidade do Rio de Janeiro, ficasse restrita as proximidades da Baía de Guanabara:

“ (...) Até então, o Rio era uma cidade apertada, limitada pelos morros do Castelo, de São Bento, de Santo Antônio e da Conceição. Ocupava, entretanto, um chão duramente conquistado à natureza, através de um processo de dissecação de brejos e mangues que já durava mais de três séculos. Além dos morros havia apenas alguns tentáculos, que se dirigiam aos “sertões” do sul, do oeste e do norte” (Abreu,2006:139- Grifo nosso)

As regiões de sertão ficaram “abandonadas” durante séculos. Eram áreas pouco visitadas, porém tinham uma importância estratégica para os Portugueses, foram nestas áreas que a agricultura foi se desenvolvendo (principalmente com a perspectiva de abastecer a área central).

A região o *Campo Grande* (muito mais amplo que o atual Bairro), localizada na Zona Oeste da cidade, está inserida neste contexto de “sertão”. Esta região representava os atuais bairros: Deodoro, Realengo, Padre Miguel, Bangu, Senador Camará, **Campo Grande**, Santíssimo, Inhoaíba e Cosmos.

É importante ressaltar a distinção da região o *Campo Grande* do bairro Campo Grande, que de acordo com Fróes e Gelabert (2005:41), o *Campo Grande* “referencial geográfico, enquanto o bairro carioca de Campo Grande é apenas um dos núcleos urbanos que ali se desenvolveu”. O bairro Campo Grande somente se constituiu em 1878, com a inauguração da estação de trem de Campo Grande, pertencente na época ao ramal que ligava a estação de Sapopemba (atual estação Deodoro) ao Matadouro de Santa Cruz.

O “sertão” foi sendo aos poucos ocupado, e durante o período colonial foi uma região propícia ao desenvolvimento de monoculturas, entre elas a cana-de-açúcar, o café e a laranja. Até o início do século XX, a zona oeste era considerada como zona rural.

A região O Campo Grande sua história e formação

Os portugueses iniciaram suas expedições no final do século XVI, sob a ordem de Mem de Sá, pelo interior do Rio de Janeiro, principalmente para estas áreas denominadas “sertões”, assim foram abrindo trilhas para a ocupação, produção agrícola e na busca por metais preciosos e outras riquezas que a área poderia proporcionar.

Os primeiros passos para se chegar até o *Campo Grande*, foram iniciados em 6 de junho de 1569. A região o *Campo Grande*, parte integrante do *sertão*, recebeu essa denominação devido a sua extensão geográfica, que configurava nos seguintes limites: “ se estendia entre a Serra do Gericinó e as Serras da Tijuca, Pedra Branca, Bangu, Cabuçu e a localidade de Campo Grande” (FRÓES e GELABERT, 2005:36). Desta forma a sua totalidade ia além das “terras de Irajá” até as terras da Companhia de Jesus¹, no mapa 01 podemos observar a extensão das terras do *Campo Grande*.

¹ Terras de Irajá (atual bairro Irajá) e Terras da Companhia de Jesus (atual bairro Santa Cruz)

A primeira forma de cultivo da monocultura foi a cana-de-açúcar. Não podemos perder de vista que a cana foi introduzida no Brasil em meados do século XVI, de acordo com Moreira (1990:16) “a economia do açúcar foi um modo que a Coroa Portuguesa encontrou de ocupar a Colônia enquanto nela não se descobria o ouro e a prata”. Segundo Abreu (2006:3), a economia do açúcar passou por duas fases distintas, sendo a primeira uma boa fase, em meados do século XVI até a terceira década do século XVII, o preço do açúcar subiu tornando-se favorável a sua produção, o que estimulou o crescimento para outras capitanias brasileiras, entre elas o Rio de Janeiro foi uma destas capitanias em que o açúcar começou a ser plantado. A partir de meados do século XVII, começou a fase das dificuldades econômicas, o açúcar sofreu uma queda acentuada e as capitanias brasileiras tiveram a tributação aumentada, para poderem contribuir com o compromisso firmado entre Portugal, Inglaterra e Holanda³. A época de dificuldades teria se estendido até o final do século XVII, onde posteriormente marcaria o período de retomada de preços e de crescimento da lavoura canavieira.

O desenvolvimento da lavoura canavieira na região do *Campo Grande* começou no início do século XVII, com uma pequena produção que foi aumentando progressivamente até o fim deste século, prosseguindo até o início do século XVIII. Um dos fatores que levaram à produção canavieira na região está relacionado com o solo argiloso, propício para a plantação. Assim no início foram construídos pequenos engenhos que depois, com o aumento da produção, deram origem aos grandes engenhos e fazendas. A plantação de cana-de-açúcar também contribuiu para o aumento da população.

“A cultura canavieira contribuiu para um grande aumento populacional e toda uma organização social com base no poder dos “Senhores de Engenho”. O aumento da safra levava a um crescimento da população de engenhos, transformando-os em núcleos populacionais em seu “eixo sócio-econômico” na “Casa Grande”. (FRÓES & GELABERT, 2005, p.159)

A igreja Nossa Senhora dos Desterros, igreja Matriz do atual bairro Campo Grande, foi construída durante o período do aumento da safra do açúcar, a presença da igreja demonstra a importância da área e a religião associada ao processo de ocupação do território, bem como um início de urbanização e ocupação efetiva do espaço, já que no Brasil percebemos que todas as cidades pequenas cresceram a partir da instalação da igreja.

³ Portugal firmou acordo com a Holanda e Inglaterra, onde o açúcar produzido no Brasil era distribuído por estes países na Europa. Outro fator que levou a diminuição dos preços está relacionado com os Holandeses que vieram para o Brasil, em Pernambuco, aprenderam as técnicas da produção do açúcar e aprimoraram o refino do açúcar na Europa, deixando o produto brasileiro que era “mal” refinado em desvantagem. Fonte : <<http://www.mundovestibular.com.br/articles/4518/1/CICLO-DO-ACUCAR/Paacutegina1.html>> 19/01/13.

Próximo a igreja foram surgindo construções para moradia, em terrenos que eram alugados, pois ainda nesta época não era permitida a venda de terrenos, visto que as terras pertenciam à Coroa Portuguesa⁴.

O declínio da lavoura canavieira ocorreu de forma gradual no Rio de Janeiro, devido à migração da mão-de-obra escrava, que havia sido enviada para exploração de metais preciosos em Minas Gerais, o aumento dos impostos e próprio desinteresse do Reino na produção açucareira na cidade, já que outras regiões, como o Nordeste, possuíam melhores condições para o plantio da cana-de-açúcar e foram aumentando a sua produção, de forma que o Rio de Janeiro não conseguia competir com as mesmas. Mesmo assim a cultura do açúcar não foi completamente abandonada.

Apesar de haverem poucos registros de impactos ambientais pela produção do açúcar neste período, podemos destacar algumas. O primeiro deles é que está envolvido com praticamente toda a monocultura é a retirada da vegetação original para a plantação, ocasionando um intenso desmatamento, no caso da região *Campo Grande* ocorreu à retirada da vegetação de Mata Atlântica para a plantação de cana-de-açúcar.

De acordo com Fróes & Gelabert (2005) grandes extensões de florestas tropicais foram devastadas:

“ ... com o estabelecimento e fixação das primeiras lavouras de sobrevivência, passaram os colonos a devastarem grandes extensões de suas terras, cobertas pelas florestas tropicais, que recobriam os terrenos mais beneficiados pelas chuvas. Esses terrenos cederam espaço aos canaviais, que exigiam, para seu crescimento, além do clima subtropical e das águas, um solo propício”. (FRÓES & GELABERT, 2005, p. 157)

A devastação das florestas prejudica as nascentes e conseqüentemente o abastecimento natural dos rios. Entre os impactos ambientais gerados pelo plantio de cana-de-açúcar, a erosão e compactação do solo constituem como alguns deles, que podem ter ocorrido nos terrenos da região⁵, ocasionando o processo de empobrecimento do solo, incluindo a formação de ravinas e voçorocas.

Vale salientar que a poluição a partir das queimadas dos canaviais para a colheita não ocorreram, visto que a prática de queimadas para colheita da cana-de-açúcar, só foram introduzidas a partir de 1950 (ZORATTO, 2006). Esta fase de monocultura, através de práticas de desmatamento, pode ter constituído um dos primeiros grandes impactos ambientais ocorridos na região do Campo Grande.

⁴ O Brasil foi dividido em capitânicas Hereditárias, e cada uma foi entregue como concessão aos nobres portugueses, com a condição de que a explorassem e pagassem impostos à coroa, estes não podiam vender mas entregavam parcelas das terras, sesmarias, as pessoas que quisessem produzir nela. Desta forma as terras continuavam pertencendo a Coroa Portuguesa até 1850. (Morissawa, Mitsue; A história da luta pela terra e o MST, 2001, p.57)

⁵ Zoratto, A.C. Principais Impactos da Cana-de-Açúcar, in II Fórum Ambiental da Alta Paulista, 25 a 28 de outubro de 2006, São Paulo, p. 1-18.

Cafeicultura

O café chegou ao Brasil em 1730, trazido pelo oficial Francisco de Mello Palheta, este passou pelos estados do Pará e Maranhão, chegando ao Rio de Janeiro em 1760. Sendo cultivado nos morros da cidade, e posteriormente foi se interiorizando para Resende, São Marcos e São Paulo.

Em Campo Grande o cultivo do café teve início na fazenda do Mendanha pelo padre Antônio do Couto da Fonseca. Embora a cultura do café não tenha sido muito expressiva no *Campo Grande*, o período do cultivo na Fazenda do Medanha trouxe um breve período de riqueza e desenvolvimento para a região. O café se alastrou por outras áreas do Rio de Janeiro foram cultivadas lavouras de café nos atuais bairros do Rio de Janeiro como Inhauma, Jacarepaguá, Guaratiba e Tijuca. E na Baixada Fluminense.

A produção de café no município do Rio de Janeiro permaneceu durante o século XVIII até meados do século XIX, pouco tempo quando comparado as outras áreas produtoras. Isso se deu principalmente devido às condições do solo pouco favoráveis e pela falta de mão-de-obra.

O café se desenvolveu de melhor forma em outras regiões como o Vale do Paraíba e Resende, que possuíam melhores condições para o seu cultivo. Moreira (1990) ao discorrer sobre a temática salienta:

“ Cultura delicada, o café floresce mais em áreas de alternância de estações chuvosas e seca bem demarcadas, médias térmicas superiores a 18°C e pequenas oscilações anuais de temperatura, o que significa altitudes entre 500 e 800m, Por isto, o planalto mostrar-se-á seu *locus* por excelência”. (MOREIRA, 1990: 30)

A cafeicultura trouxe sérios danos ambientais, em especial para as áreas já desmatadas pela cultura da cana-de-açúcar. O principal problema está na ampliação da devastação da vegetação das encostas para o plantio de café. Segundo Gomes (2011) o cultivo do café era realizado da seguinte maneira:

“Depois da retirada da mata, os escravos removiam o entulho e preparavam as covas para o plantio do café, situando as plantações nas encostas mais altas da propriedade. Embora provocando maior erosão, as mudas eram plantadas em linhas retas, perpendiculares aos pés dos morros e dispostas em fileiras verticais com um espaço aproximado de dois a três metros entre cada uma delas. Essa forma de plantio era extremamente inadequada às condições climáticas da região, que é marcada pela presença de fortes chuvas torrenciais” (GOMES, 2011:134)

Além do desmatamento, verifica-se a degradação/empobrecimento dos solos e o aparecimento de ravinas e voçorocas, visto que a forma de cultivo, em linhas favorece o aparecimento de sulcos que vão se aprofundando. As chuvas constantes nesta região aceleram este processo, tornando as áreas improdutivas. Ainda Conforme Fróes e Gelabert (2005:180) “A *degradação do solo foi-se fazendo sentir em vários trechos, sendo maior nas encostas e em áreas menos acidentadas (...) As*

fazendas de café nas montanhas causaram grandes “clareiras”. O cultivo do café nas encostas provocava intenso desgaste do solo, que se agravava com as chuvas, a figura 01 representa a devastação provocada pela introdução do cultivo do café na área que hoje pertence a Floresta da Tijuca:

Figura 01 – retrato sobre a devastação da floresta para a plantação do café



Fonte: www.riodejaneiroaqui.com

Estes impactos puderam ser percebidos diretamente pela população. Existem registros sobre a falta de água, enchentes, entre outros. O que levou o Império a tomar uma decisão de reflorestar as encostas. D. João VI indica o naturalista: Major Manoel Gomes Archer para esse serviço. A atual Floresta da Tijuca, foi um dos locais que sofreu maior impacto com o cultivo do café, e em decorrência da falta de água na cidade, foi uma das primeiras a ter suas encostas reflorestadas e preservadas.

Posteriormente com o próprio declínio do café, algumas encostas da região o *Campo Grande* foram reflorestadas, e outras aos poucos tiveram naturalmente a vegetação nativa restabelecida. Ainda assim algumas encostas não puderam ser recuperadas, pois em um período muito curto a produção de laranjas passa a ser introduzida, principalmente nas encostas.

Citricultura

Após a produção canavieira e cafeicultura, Campo Grande passa por um novo período econômico: a citricultura. Com a Primeira e Segunda Guerra Mundial, a necessidade de se produzir alimentos para atender os países na Europa que estavam em guerra, era muito grande, tinha-se um mercado externo consumidor promissor. A região de *Campo Grande* tinha as condições perfeitas para este cultivo, por possuir terra fértil e grandes extensões de terreno para a plantação.

A cultura da laranja se desenvolveu em grande escala a partir de 1920, como salienta Fróes e Gelabert utilizando-se de Sylvio Fróes Abreu:

“A cultura em grande escala no então Distrito Federal só se desenvolveu pouco depois de 1920, devido às facilidades de financiamento de capitais ingleses e com o interesse em valorizar as terras nas adjacências do Rio de Janeiro. Homens de negócio fomentaram o movimento pela cultura da laranja: fizeram plantações em velhas fazendas, facilitaram a venda das terras divididas em pequenos sítios e organizaram viveiros para a expansão dessa cultura (ABREU, 1957:159 apud FRÓES e GELABERT, 2005: 181)

As plantações começaram no início do século XX, em 1915 o Governo Federal pediu para que se produzissem mais laranjas para atender as demandas de exportação, na década de 1930 a produção de laranjas aumentou bastante, sendo exportadas toneladas de laranja por ano.

O município de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, foi um dos maiores produtores de laranja, seguido dos bairros na Zona Oeste incluindo Campo Grande. De acordo com Fróes e Gelabert (2005):

“ Até 1939, Campo Grande juntamente com Realengo, Jacarepaguá e Santa Cruz, esteve entre os maiores produtores de laranja do país, chegando a exportar, neste ano, 144.577 toneladas do produto” (FRÓES e GELABERT, 2005, p.185)

Este período contribuiu para um aumento significativo da população no bairro, devido à oferta de trabalho na produção das laranjas, conforme Fróes e Gelabert (2005:181) “ *para Campo Grande dirigiam-se pessoas de todo país de modo a explorar a chamada pequena lavoura*”. Este cultivo trouxe também o desenvolvimento econômico para o bairro, Campo Grande em 1932 já possuía cerca de 100 mil habitantes⁶

O fim da Segunda Guerra Mundial (1945), levou a uma queda nas exportações, pela redução de mercado externo consumidor o que fragilizou a produção. Aliado a isso, ocorreu o aparecimento de uma praga que atacou os laranjais: a Fumajina. O custo da produção ficou alto devido à praga, pela inexistência de mão-de-obra especializada e tratamento adequado do solo.

Os impactos ambientais ocorreram ao longo das produções agrícolas, principalmente por se tratar de monoculturas, um dos impactos mais evidentes foi o desmatamento, parte da floresta nativa tropical foi devastada, sobretudo nos morros para a plantação de laranja. Na foto 02 é possível observar o desmatamento das encostas do bairro Campo Grande, nesta foto é possível observar que além da plantação de laranja, também se plantava outros alimentos, os mais comuns são: Chuchu, Aipim e Bananas.

⁶ Fróes e Gelabert (2005: 183)

Foto 02 - Desmatamento nas encostas, para plantação de laranjas e outros alimentos



Fonte:Tomas Somlo, 1958. <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/fotografias/GEBIS%20-%20RJ/RJ17179>.

O término da citricultura levou a outro momento a construção de loteamentos, prática que permanece até os dias atuais. Os donos das fazendas e sítios de laranja começaram a repartir suas terras e vendê-las para pessoas interessadas em construir sua moradia e imobiliárias que desejavam construir loteamentos destinados as classes médias e populares.⁷

Outros sítios e fazendas que foram abandonadas pelos seus donos, foram ocupados por moradores das classes populares que construíram suas moradias nesses terrenos.

A urbanização do bairro Campo Grande

O bairro Campo Grande foi surgindo “espontaneamente”, não existe data exata de fundação. O bairro recebeu esta denominação devido à estação de trem Campo Grande inaugurada em 1878, que ligava Sapopemba ao Matadouro de Santa Cruz. Conforme Fróes e Gelabert (2005:36), “ (...) denominação dada, a um dos povoados que se formou nessas paragens, no século XIX, quando foi inaugurada, em 2 de dezembro de 1878, a estação Campo Grande, no ramal da Estrada de Ferro que ligava a estação de Sapopemba ao Matadouro de Santa Cruz”

O processo de urbanização do bairro ocorreu paralelamente com o período da citricultura. O bairro ainda mantinha suas características rurais, era considerado zona rural pelo IBGE nas décadas de 1950 e 1960⁸, além da produção de laranjas existiam plantações de banana, aipim e outros que serviam de subsistência e trabalho para muitas pessoas.

⁷ Contextualizando as classes sociais, através dos Indicadores sociais atuais, para servir apenas como base. Classe A (acima de 20 salários Mínimos); Classe B (10 a 20 Salários Mínimos); Classe C (4 a 10 Salários Mínimos); Classe D (2 a 4 Salários Mínimos); Classe E (até 2 Salários Mínimos)

Fonte:<www.sandraturchi.com.br/destaque/08/classificacao-social-no-brasil-rendaxclassesocial> 12/01/13

⁸ Abreu. Evolução Urbana do Rio de Janeiro. Tabela 5.9 “população residente no município do Rio de Janeiro e taxa de crescimento 1950-1960, por circunscrição censitária. P-117.

Mesmo assim os aspectos urbanos já começavam a aparecer, um deles, o comércio, crescia próximo a estação de trem. O crescimento de moradias e a implantação de transportes urbanos como o trem e os bondes facilitavam a mobilidade da população, entre os bairros e com o Centro.

Desta forma podemos destacar o trem e o bonde como um dos fatores fundamentais, que contribuirão com a expansão urbana de Campo Grande. De acordo com Abreu (2006:50) “*Os trens foram responsáveis pela rápida transformação de freguesias que, até então, se mantinham exclusivamente rurais*”. As fotos 03 e 04 retratam a estação de Campo Grande em seus dois momentos: final século XIX e em 1958.

Fotos 03 e 04 - Estação de Campo Grande



fonte: http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_rj_mangaratiba/campo.htm acesso: 28/10/2012 e Tomas Somlo, 1958, IBGE.

Os bondes eram responsáveis por fazer o transporte dos passageiros dentro do bairro e em outros bairros próximos. Assim também facilitava o transporte dos moradores que moravam distantes da estação de trem, chegarem até a ela.

A expansão urbana para as áreas mais afastadas, entre elas as chamadas “sertões” também foi influenciada pelas reformas urbanas que estavam ocorrendo na área central do Rio de Janeiro, entre elas a reforma do prefeito Pereira Passos, que destruiu várias moradias populares, os cortiços do centro da cidade, expulsando parte da população pobre, que sem alternativa migra para as favelas e bairros afastados do centro. Há também que se considerar que no início do século XX, a área central da cidade se encontrava saturada, com poucos terrenos vazios, com custo de moradia elevado, fazendo com que algumas pessoas, principalmente as mais pobres, buscassem moradias mais acessíveis em outras zonas da cidade, como na Norte e Oeste.

O modelo de área central da cidade seguia os “padrões” de centro de cidade capitalista do século XX, explicado por Côrrea (1989:38), “*Nela concentram-se as principais atividades comerciais de serviços, de gestão pública e privada, e os terminais de transportes inter-regionais e intra-regionais. Ela se destaca na paisagem por sua verticalização*”. Estas transformações no centro do Rio de Janeiro contribuíram para a expansão urbana em outras áreas da cidade.

O fim da citricultura no bairro Campo Grande contribuiu para a transformação dos antigos sítios e fazendas em loteamentos. As divisões dessas propriedades rurais em lotes atraíram empresas imobiliárias interessadas na construção de loteamentos residenciais, destinados as classes populares e médias. Uma empresa pioneira neste tipo de construção em Campo Grande foi a ECIA Irmãos Araújo, empresa fundada em 1955, que foi responsável pela construção de inúmeros loteamentos, que deram origem a muitos subbairros existentes em Campo Grande. A empresa não construiu somente loteamentos, mas também prédios comerciais⁹.

A indústria embora pequena trouxe desenvolvimento e empregos para os moradores do bairro, em 1976, empresas como Metal Sales, Crown Carck do Brasil e a Pancrete, formaram o Distrito Industrial de Campo Grande, vindo posteriormente mais empresas para integrar este Distrito. As indústrias que também se localizavam em bairros próximos à Campo Grande, também contribuíram para o aumento da sua população, que saltou de 126. 982 habitantes em 1960 para 230.324 habitantes em 1970 (Abreu, 2006, pgs 27; 117), continuando assim em crescimento progressivo.

O crescimento expressivo do bairro a partir do século XX trouxe problemas como a falta de infraestrutura urbana, que não estava preparada para receber um número grande de moradores, embora as empresas imobiliárias como a ECIA Irmãos Araújo urbanizassem os loteamentos com pavimentação e esgoto, este era lançado diretamente para os rios. Fora dos loteamentos o planejamento urbano era ineficaz por parte do poder público. Outro fator foi a construção de conjuntos habitacionais, como a COHABs¹⁰, destinados a população pobre e aos atingidos por enchentes e deslizamentos, possuíam infraestrutura precária.

As construções irregulares, às margens dos rios contribuíram ainda mais para a poluição destes, tornando-os impróprios para o banho e consumo, devido ao esgoto lançado *in natura*, este corria à céu aberto por valas, faltava água encanada em muitas casas, luz elétrica, em alguns locais não havia coleta de lixo regular, o saneamento básico era insuficiente. Além do desmatamento que cada vez mais aumentava com a derrubada das árvores para a construção de moradias. Estes problemas faziam com que muitas pessoas vivessem em condições precárias de higiene e salubridade, trazendo epidemias para o bairro, além da ocorrência de enchentes em alguns subbairros. Pouco eram os investimentos públicos em projetos de urbanização do bairro e saneamento básico.

⁹ A empresa começou a construir loteamentos residenciais na década de 1960 e prédios comerciais no centro do bairro campo Grande, um dos maiores empreendimentos já criados no bairro foi o Shopping Center – West Shopping, em 1997, localizado na estrada da posse, que teve uma expansão imobiliária de condomínios e loteamentos residenciais na área em função deste Shopping. Muitas destas construções residenciais pertencem ao grupo ECIA Irmãos Araújo.

¹⁰ COHAB (Conjuntos Habitacionais), financiados pelo BNH (Banco Nacional da Habitação) década de 1960.

O bairro foi crescendo expressivamente e recebendo poucos investimentos públicos, refletindo assim um crescimento urbano acelerado e ao mesmo as demandas públicas não eram capazes de atender a toda população. Na década de 1990, o bairro começa a receber maiores investimentos em saneamento básico, pavimentação, transportes, escolas e hospitais. Mas devido à quantidade de moradores e a extensão geográfica do bairro, ainda não são suficientes para atender as suas necessidades.

Os condomínios residenciais e grandes empreendimentos imobiliários: a atual expansão urbana do bairro campo Grande

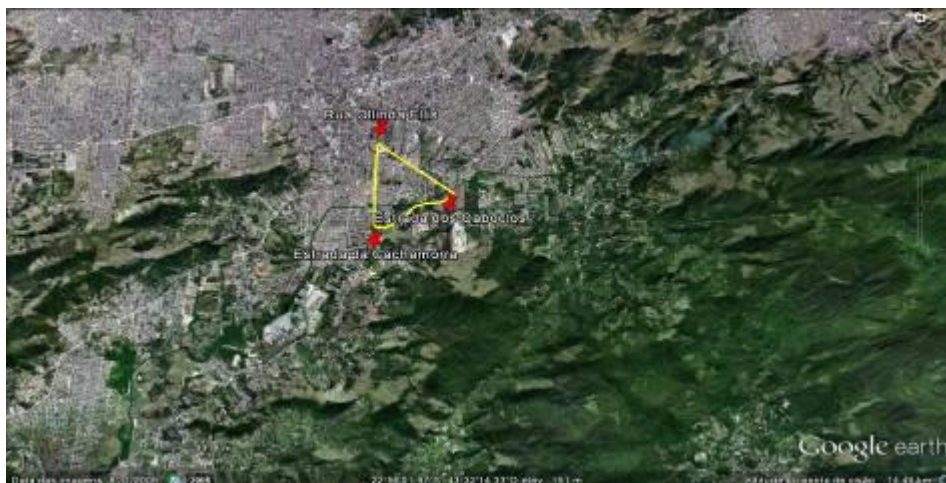
O bairro de Campo Grande vem passando por um novo processo de urbanização, a construção de condomínios residenciais, esta forma de moradia tem atraído principalmente a “nova” classe média, que configura a classe C (renda entre 4 a 10 S.M.) e a classe D (renda entre 2 a 4 S.M.), que ainda podem contar com os incentivos governamentais para a aquisição da casa própria como financiamentos pela Caixa Econômica Federal, FGTS(Fundo de Garantia por tempo de Serviço) e o PMCV (Programa minha casa, minha vida)¹¹. Com isso as construções de condomínios residenciais tiveram um aumento a partir do ano 2000, no bairro Campo Grande, incentivados pelo número de terrenos vazios, programas governamentais que favoreceram a construção imobiliária, e demanda de moradores.

Os processos de urbanização constante demonstram que o espaço urbano está em mutabilidade a todo o momento, conforme CÔRREA (1989:8) “ (...) o espaço urbano é também mutável, dispondo de uma mutabilidade que é complexa, com ritmos e natureza diferenciadas”, o bairro Campo Grande ainda permanece neste processo de mutabilidade, que começou com a construção de loteamentos e agora vivencia a construção de condomínios residenciais.

Devido à extensão territorial do bairro Campo Grande foi necessária a realização de um recorte espacial, para a análise do processo construção de condomínios. A área escolhida atualmente possui a construção de diversos condomínios residenciais, que vem modificando substancialmente a sua dinâmica e configuração espacial. A localização da área de estudo dentro do bairro Campo Grande, imagem de satélite 05.

¹¹ “ O Programa Minha Casa, Minha Vida tem como meta construir 1 milhão de moradias e dessa forma garantir o aumento do acesso das famílias de baixa renda à casa própria, ou seja, famílias com renda de até 10 salários mínimos. Além disso, tem como objetivo a geração de emprego e renda, por meio do aumento do investimento na construção civil.” LEME, (2011:15)

Imagem de satélite 05- localização da área de estudo



Fonte: Google Earth

Esta área corresponde: a Estrada da Cachamorra, Rua Olinda Elis, Estrada dos Caboclos, inseridas nos subbairros respectivamente: Cachamorra, Joari e Moinho¹², onde atualmente estão sendo construídos condomínios residenciais, principalmente devido algumas influências, como o aumento do transporte público na área, a facilidade de acesso para os bairros Recreio dos Bandeirantes e Barra da Tijuca, proximidades com o Centro Esportivo Miécimo da Silva (onde ocorreram algumas das competições das Olimpíadas em 2016), e a construção do Shopping Center, ParkShopping Campo Grande, do grupo Multiplan, na estrada do Monteiro, que fica próximo a área citada acima. Estes fatores agregam valor a este espaço e inclusive é um dos motivos que vem atraindo moradores.

O principal questionamento é que temos um processo de urbanização acontecendo, com um planejamento ineficaz. A construção imobiliária tem gerado impactos ambientais, e um dos mais evidentes é o desmatamento, muitas localidades do bairro vêm sofrendo com o processo de retirada da cobertura vegetal. Na foto 06 podemos perceber que uma grande área será desmatada para a construção do condomínio.

Foto 06- condomínio Bosque da Prata

¹² A prefeitura do Rio de Janeiro, não denomina subbairros, apenas bairros. Desta forma os subbairros são criados pelos próprios moradores, para facilitar a localização dentro do bairro. Nesta mesma área existem outros subbairros, utilizaremos estes três por estarem mais próximos da área de estudo.



Estrada dos Caboclos, Janeiro 2012. Fonte: Michele Souza

Como afirma Araújo (2006: 368) “(...) a principal atividade lesiva ao meio ambiente e que faz parte da implantação dos empreendimentos imobiliários, pelo menos em sua fase inicial em execução ou projetada, é o desmatamento visando ao preparo e limpeza do terreno para a construção e /ou urbanização”

O desmatamento pode afetar no clima local, contribuindo para a formação de Ilhas de Calor, algo que já é perceptível em algumas áreas do bairro, como no centro, que registra altas temperaturas no verão, além do desmatamento afetar a fauna local, mesmo já sendo um ambiente urbano, parte do que restou de vegetação serve como habitat para muitas espécies de mamíferos, pássaros, entre outras.

O aumento da poluição dos rios é uma das conseqüências do processo de urbanização, muitos rios que já estão poluídos, poderão ser afetados pelo aumento do lançamento de esgoto dos condomínios, caso este sejam lançados sem tratamento adequado, grande parte do esgoto que já é lançado nos rios como o Cabuçu, que corta grande parte do bairro Campo Grande, não possui tratamento. Na foto 07 este trecho do Rio Cabuçu, fica próximo a um dos novos condomínios que estão em construção.

Foto 07- Rio Cabuçu, fica ao lado de um dos condomínios



Estrada da Cachamorra. Fonte: Michele Souza-abril/2012

Em alguns locais a precariedade na urbanização é ainda mais evidente, poucos investimentos públicos foram implantados, trazendo muitas dificuldades aos moradores que convivem como uma série de problemas, desde saneamento básico a transporte, dentre tantas localidades nesta situação a Estrada dos Caboclos, no subbairro Moinho, é uma delas, a pavimentação da estrada encontra-se em um estado muito ruim, com buracos e sem calçadas para os pedestres, além do acúmulo de lixo (restos de obras, animais mortos, lixo orgânico, etc.), sendo necessário que medidas públicas sejam tomadas para conter e solucionar estes problemas.

O que podemos deduzir é que somente com a implantação de grandes empreendimentos imobiliários, os investimentos públicos começam a serem colocados em prática, pois as empresas privadas passam a “pressionar” o poder público ou até mesmo em parceria com este, para trazerem melhorias na urbanização.

O transporte público e o trânsito de veículos configuram também como grandes problemas no bairro, sendo algumas das maiores reclamações por parte dos moradores. Algumas vias principais do bairro são estreitas, e com o aumento do tráfego de veículos, os congestionamentos vêm aumentando. O transporte público nos horários de “pico” está superlotado. Assim a infraestrutura atual não está correspondendo à demanda populacional.

O saneamento básico e o lixo ainda não estão satisfatórios em todo o bairro, um indicador são as epidemias que assolam aos moradores, quase todos os anos, como a “dengue”, em janeiro de 2012 foram registrados 3.129 casos¹³.

¹³<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/03/rio-tem-segunda-morte-por-dengue-em-2012-diz-secretaria-municipal.html>

Sendo assim antes da construção de empreendimentos imobiliários e outros, é preciso ser realizada uma análise detalhada da infraestrutura urbana do bairro, de forma que seja feito um planejamento urbano concomitante com o ambiente, trazendo melhorias a todos, e diminuindo os impactos ambientais.

Conclusão

Analisando todo o processo histórico até o bairro Campo Grande de hoje, percebemos que a ocupação ocorreu “espontaneamente”, sem planejamento. Uma freguesia rural que tinha o menor número de moradores em relação às outras freguesias do Rio de Janeiro, antes do século XX, se torna em menos de 100 anos um dos bairros com a maior população da cidade. Através deste processo, a infraestrutura urbana não é capaz de atender a toda população. Surgindo dentro do bairro espaços de segregação, algumas localidades estão melhores atendidas, e outras não possuem sequer saneamento básico.

O aumento da população não somente traz os problemas sociais, mas também inúmeros impactos ambientais. Campo Grande ainda é um dos bairros do Rio de Janeiro que possui uma grande extensão de área vegetada, com uma fauna considerável, parte do Parque Estadual da Pedra Branca, está localizado dentro de seus limites. Porém o que podemos observar é que nos últimos anos o avanço da urbanização está cada vez mais afetando as encostas e os terrenos planos.

Novamente estamos experimentando um crescimento urbano, com planejamento ineficaz, as conseqüências disto, podem resultar em deslizamentos das encostas, enchentes e formações de ilhas de calor, e muitos outros problemas que poderão afetar a população e o ambiente.

Apesar dos problemas que a urbanização ocasiona, ela é necessária, a principal questão é como ela está sendo feita. Depois de tantos anos, estudos nos mostram os problemas hoje existentes, que são um reflexo dos processos de urbanização do passado. É preciso modificar as atitudes, a urbanização precisa ocorrer junto com o respeito às especificidades de cada lugar e principalmente ela deve ser realizada em harmonia com o ambiente e através do diálogo com a população.

Os erros que foram cometidos no passado são perceptíveis e sentidos pela população. A pergunta principal é, quais serão as conseqüências no futuro, para os erros cometidos hoje? Se não houver uma mudança no desenvolvimento da urbanização, e continuarmos repetindo os erros do passado, provavelmente as conseqüências serão cada vez mais desastrosas, podendo se tornar irreparáveis.

Bibliografia Utilizada:

ABREU, Mauricio de Almeida. Evolução Urbana do Rio de Janeiro, IPP; Rio de Janeiro, 2006.

_____. Um quebra-cabeça (quase) resolvido: os engenhos do Rio de Janeiro nos séculos XVI e XVII. Scripta Nova (Barcelona), v. XI, p. 32, 2006.

ARAÚJO, Lilian. Impactos Ambientais Urbanos: Danos Ambientais na Cidade do Rio de Janeiro in: Impactos Ambientais Urbanos no Brasil, orgs GUERRA, A. T. e CUNHA, S. B. Editora Bertran Brasil, 4ª Ed, 2006. P. 347-396

CÔRREA, Lobato. Espaço Urbano. Editora Ática, São Paulo, 1989.

FRÓES, José Nazareth de Sousa; GELABERT, Odaléa Ranauro Enseñat. Rumo ao Campo Grande por trilhas e caminhos, 2ª edição, Imprensão gráfica Brunner, Rio de Janeiro, 2005.

GOMES, Mauro Leão. A cultura do café e a degradação ambiental na Serra Fluminense oitocentista. Revista Critica Histórica, Ano II, Nº 4, Dezembro de 2011.

LEME, Ricardo Carvalho, Política Nacional de Habitação e o Mercado Imobiliário Brasileiro. 2011, XII SIMPURB, disponível em:
<http://xiisimpurb2011.com.br/app/web/arq/trabalhos/a50523916b05aa50712a92f619ba78aa.pdf>

MEDEIROS, Maristela Turl. Do sertão à Zona Rural. Que sertão?. Tese de Doutorado. UERJ/ Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, submetida em 2009.

MOREIRA, Ruy. Formação do Espaço Agrário Brasileiro. Brasiliense, São Paulo, 1990.

MORISSAWA, Mitsue. A História da Luta pela Terra e o MST. Expressão popular, São Paulo, 2001.
ZORATTO, A. C. Principais Impactos da Cana-de-Açúcar. In II fórum Ambiental da Alta Paulista, 25 a 28 de outubro de 2006, São Paulo, p. 1-18.

<www.sandraturchi.com.br/destaque/08/classificacao-social-no-brasil-rendaxclassesocial> 12/01/13

<<http://www.mundovestibular.com.br/articles/4518/1/CICLO-DO-ACUCAR/Paacutegina1.html>> 19/01/13.

<<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/fotografias/GEBIS%20-%20RJ/RJ17179.>> 19/01/13